

MARCAS DE TESTEMUNHO EM *ESTE VERÃO O EMIGRANTE LÀ-BAS*, DE OLGA GONÇALVES

Flávio Silva Corrêa de Mello (UFRJ)¹

RESUMO: O artigo analisa o romance *Este verão o emigrante là-bas*, da escritora portuguesa Olga Gonçalves, sob a perspectiva de uma ótica testemunhal. A obra, que situa a comunidade lusitana em França e em Portugal, em fim dos anos 70, resalta as diferenças de estar em solo pátrio e no estrangeiro, ao relatar o cotidiano e as condições de trabalho dos emigrantes, os modos de viver e de se reunir, os locais preferidos e as condições de sobrevivência no estrangeiro. A percepção da sociedade portuguesa perante as recentes mudanças no país insere-se em uma ficção que busca assumir um caráter documental, ao privilegiar as vozes e a memória dos emigrantes logo após a Revolução dos Cravos. Procurou-se, no estudo, dar relevo aos pressupostos teóricos de Walter Benjamin associando-os às reflexões sobre o testemunho presentes nos textos de Márcio Seligmann-Silva.

PALAVRAS-CHAVE: Olga Gonçalves; Literatura portuguesa contemporânea; literatura de testemunho; *Este verão, o emigrante là-bas*.

ABSTRACT: The article analyzes the novel *This summer the emigrant over there* writer Olga Gonçalves, from a testimonial perspective. The work, which situates the Lisbon community in France and Portugal at the end of the 1970s, highlights the differences of being on homelands and abroad, when reporting the daily life and working conditions of emigrants, the ways of living and meeting, preferred locations and conditions of survival abroad. The perception of Portuguese society before the recent changes in the country is inserted in a fiction that seeks to assume a documentary character, by privileging the voices and memory of emigrants soon after the Carnation Revolution. The study sought to emphasize the theoretical assumptions of Walter Benjamin by associating them with the reflections on the testimony present in the texts of Márcio Seligmann-Silva.

KEYWORDS: Olga Gonçalves; Contemporary portuguese literature; literature and testimony; *This summer the emigrant over there*

1. A TESTEMUNHA PRIVELEGIADA

Há cerca de quatro décadas, Olga Gonçalves – uma das vozes femininas na literatura de língua portuguesa que testemunhou os principais eventos sociais e políticos que ocorreram na segunda metade do século XX – publica *Este verão, o emigrante là-bas* (1978). Desde sua estreia, em 1972, até o seu falecimento, no ano de 2004, a escritora publicou quatorze livros. Embora sua primeira publicação, *Movimento*, trouxera a marca da poesia, a maior parte de sua

¹ Professor Mestre em Letras. Bolsista da CAPES. Doutorando no Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas (PPGLEV-UFRJ). Este estudo se origina de um aprofundamento da dissertação “Trânsitos: identidades, vozes, testemunhos em A Floresta em Bremerhaven e Este verão o emigrante là-bas” apresentada ao programa PPGLEV/UFRJ sob a orientação da Prof^a Doutora Ângela Beatriz de Carvalho Faria. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5351-2267> Email para contato: flavio.mello@gmail.com / flavio.mello@letras.ufrj.br

produção se constitui de romances que circunscrevem temáticas sociais e apresentam personagens oriundos de camadas populares, retratos plausíveis de um Portugal plurifacetado. Ler Olga Gonçalves pressupõe entrar em contato com vozes de um povo emigrante que parte em busca de trabalho e que gira a roldana econômica do país, revelada pela mão de obra subalterna dos trabalhadores que saíram de seu país de origem em busca de sobrevivência e de uma vida digna.

A provocação que motivou a escrita de nossa proposta de trabalho – verificar como se estabelece a noção de testemunho no romance de Olga Gonçalves – partiu, inicialmente, das reflexões do escritor Mario Cláudio, em sua coluna no jornal *Diário de Notícias*:

Se fosse viva, Olga Gonçalves contaria hoje 86 anos, e representa um nome que torna justo, e quase urgente, resgatar do límbico apagamento em que vão caindo alguns, e não raro entre os cronologicamente mais próximos de nós. Na sequência da Revolução dos Cravos emergiria ela como testemunha privilegiada do Portugal de então, recolhendo a voz dos que iam vivendo os acontecimentos, e ostentando a respectiva experiência com verossimilhança exemplar. Vários estratos da nossa população rever-se-iam, portanto, sem dificuldade nos monólogos semi-interiores que Olga escrevia, captados por um ouvido alerta e tacitamente solidário. (CLÁUDIO, 2015, s.p).

Os “estratos” a que se refere Mário Claudio dizem respeito às diferentes classes sociais do povo português, e, particularmente, no caso dos emigrantes, às suas inerentes experiências de deslocamento e manifestações discursivas inseridas nos romances² de Olga Gonçalves. A autora testemunhou um tempo em que acontecimentos importantes, ocorridos no país, refletiram-se na política e na cultura portuguesa. A sua ficção busca enfatizar uma visão sociológica e coletiva do cotidiano, as incertezas e dificuldades das camadas populares e anônimas, a postura dos emigrantes ou retornados e as transformações observadas durante o último quarto do século passado. Desta forma, o leitor estará diante de um *corpus* textual criativo, capaz de registrar momentos singulares de Portugal: a Revolução dos Cravos, a tentativa de manutenção do Império com as consequentes lutas de independência nas antigas colônias ultramarinas e o desmoronamento do governo salazarista.

Em *Este verão o emigrante là-bas* (1978), Olga Gonçalves retoma, como o próprio título anuncia, a reflexão da questão emigrante, anteriormente já abordada em *A floresta em Bremerhaven* (1975). A obra situa os deslocamentos vivenciados por personagens entre Portugal e França que virão a ser entrevistados pela narradora-personagem, uma jornalista, que viaja a fim de despertar e de registrar os relatos e os testemunhos dos emigrantes. Os fatos narrados ocorrem no período de agosto, setembro e outubro, durante o verão europeu. O

² Destacamos, entre outras, *A floresta em Bremerhaven* (1975), *Ora esguardae* (1982) e *Rudolfo* (1985).

desenvolvimento da narrativa, todavia, traz características diferentes de seu livro anterior, muito embora alguns dos recursos estilísticos ainda se apresentem no decurso narracional, cita-se, no caso, as vozes das personagens dialogando com uma narradora. Contudo, de modo distinto, em *Este verão o emigrante là-bas*, a narradora se manifesta, apresentando-se verbalmente, na cena narrativa, enquanto em *A floresta em Bremerhaven*, sua mediação se notava tão somente pela recepção dos relatos das personagens, na pré-textualidade. Vejamos :

Alain? Tu es là? Je croyais que tu faisais la grève, que tu étais en train de faire la barricade! As vozes dilatam-se na minuciosa visão do telefone. Qual greve! A greve já passara, estamos em Julho, tinha os sacos em baixo, partia para as férias. Aquieto-me, um desenho de criança esquecido na cadeira, os meninos de Rafael e a criança parece-se com o Pai.

Em Agosto? Enchanté! O tempo que quiser, as chaves ficam no porteiro. Quoi? Écrivain? Ravi!, vraiment ravi! Mandato, donde me vi cuidar deste projecto, escrever sobre a emigração, a qual deixem-me pensar, será rossio, alçada mesmo, gleba somente de sociólogos. (GONÇALVES, 1978, p. 16-17).

A opção narrativa é expressa em constante experiência fragmentária e o movimento do texto articula o raciocínio descritivo e a averiguação das causas (ou seja, um discurso, de certo modo, típico da historiografia e das ciências sociais de modo geral), em que escrever sobre a emigração será “gleba somente de sociólogos” (GONÇALVES, 1978, p. 17), passível de referenciar a história (as questões políticas, econômicas e sociais) e a metaficcionalidade narrativa, a reflexão sobre o próprio projeto de escritura, que conceitua metaforicamente a emigração como “rossio, alçada” (GONÇALVES, 1978, p.17), uma praça larga, um terreno largo e espaçoso a ser celebrado.

2. O TRAUMA E O TENSIONAMENTO NO DISCURSO TESTEMUNHAL

No romance, no período referente ao mês de agosto, que retrata as férias em Portugal, há uma personagem, Virgílio, que relata a sua situação vivenciada durante as guerras de independência de Angola:

Eu era o primeiro cabo mobilizado na Amadora partimos na Vera Cruz a dezoito de Maio de sessenta e quatro e só vim há meia-dúzia de meses achei-me bem deixei-me estar casei no fim da comissão é assim um homem chega a um ponto arruma-se e eu até nem escolhi mas trabalhei muito eu e ela pra construirmos a nossa casa fizemos pois fizemos uma casa muitos serões muito domingo debaixo daquele tempo húmido chegámos a comprar um automóvel podíamos ter uma vida boa o pior foi o pior arderam a tenda acabaram-nos com a ideia viemos para já não ter lugar para nós credo a minha mulher conte a viagem do Lobito a Luanda toda a noite no convés em cima do porão e nem cama nem comida era um tal frio um tal gelo. (GONÇALVES, 1978, p.52)

Assinala-se, na transcrição oral da enunciação discursiva da personagem entrevistada, a ausência de pontuação e o fluxo de consciência, passíveis de denotar a sensação de urgência e

a angústia, implícitas ao relato testemunhal, que sinaliza a ausência ou a impossibilidade de se ter um lugar próprio. Este soldado português, mobilizado para a guerra colonial, se assume textualmente como um “outro” dentro do jogo narrativo, inscrevendo-se na categoria do relato e diferenciando-se, e, quando expõe seus traumas da guerra revela um testemunho histórico da barbárie cometida em África: “Que de mortes sei eu que vi queimar um rapaz nosso em cima duns paus fizeram uma fogueira e puseram-no dentro do fumo nem sequer o víamos [...]” (GONÇALVES, 1978, p.54).

Ao evocar a memória da guerra colonial, através de uma voz ficcional, verossímil, faz-se possível constatar, na passagem acima mencionada, a relação entre o binômio estética (a literatura como um ato inventivo, que capta fragmentos ou ruínas de imagens sobreviventes retidas no imaginário das personagens do qual se é impossível escapar: o contato com a alteridade, a barbárie e a morte de um semelhante na guerra colonial) e ética (o trauma narrado como uma possível forma de sensibilização do leitor). Dessa forma, engendra-se o que Márcio Seligmann-Silva assinala em *O local da diferença*: “a literatura tem recursos de transposição da oralidade e da gestualidade, também ela pode testemunhar – se não o passado mais longínquo da tradição – ao menos o presente. E a literatura do século XX foi em grande parte uma literatura marcada pelo seu presente traumático.” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 77).

Em se tratando de Olga Gonçalves uma constatação se interpõe: a de que a sua obra é, por si só, uma testemunha social do descentramento vivido pelos portugueses, aqui exemplificados por Virgílio. Uma vez mobilizados para lutar na guerra colonial, os sujeitos estarão situados sempre em um entrelugar, seja durante a permanência em um país estrangeiro, seja na volta à pátria de origem. Em busca de uma nova situação econômica e social, alguns reproduzem discursos supremacistas e racistas do período salazarista; outros, dotados de uma visão crítica, denunciam a ideologia de opressão ou o desamparo a que são submetidos em terra estrangeira. Assim, o romance assume sua feição de reportagem quase direta, de teor documental ou de registro da história, ao incorporar e transcrever os relatos dos ex-cêntricos, descentrados e marginalizados pelo poder instituído:

Mas bem se ralaram que haja uma porrada de associações a lutar com a falta de uma porção de coisas, uma porrada sem professor para nossos filhos. Eles nem consentem que um professor ou uma professora dê aulas em mais do que uma escola. Por quê? Isso queria a gente saber! Mas ainda lhe digo que há homem e há mulher nesta terra que vai ensinar em mais do que uma escola por verem a situação do emigrante, e são pagos que não se importa de ir longe e perder tempo, a pensar na canalha que precisa de aprender as letras em português. Não são muitos mais há-os, esse favor lhes estamos devendo [...] escreveram aos professores a comunicar que não podem fazer outro trabalho além do que já têm. [...] o que isso quer dizer é que não se estão a preocupar nem com os ensinantes nem com o ensino. Nem com a cultura do povo. (GONÇALVES, 1978, p. 131-132).

Neste sentido, habita entre ser e estar a questão da literatura criada por Olga Gonçalves. A desconstrução e descentramento, vividos pelas personagens, revelam a sua essência problemática e a sua identidade fraturada, e, na construção dessa narrativa singular, observa-se, simultaneamente, o estar no mundo da narradora-personagem e a sua intencionalidade: estar com os emigrantes, dar voz as suas falas, criar interações são ações recorrentes presentes no romance da escritora portuguesa contemporânea. Ao descortinar as páginas, o leitor depara-se com testemunhos de personagens que alimentam o sonho da independência econômica. Suas vozes apresentam constantemente a idealização de um retorno ao país de origem em uma situação auspiciosa: proprietários, ricos, e integrantes de uma classe social elevada. Assim, no decorrer da leitura, observa-se a busca de uma zona de reconhecimento, de afirmação e pertencimento não condizente com a realidade vivida no exílio. A memória do trabalho em progresso, deixa entrever o tecido dos sonhos que o *continnum*³ prossegue, fazendo o fluxo migratório compor a realidade da sociedade portuguesa, a paisagem semovente.

Em seus escritos e ensaios, o filósofo Walter Benjamin salientou que a palavra é um elemento imprescindível para a articulação da denúncia da condição humana quando se associa à prática de contar histórias, de exercitar a capacidade narrativa, estimulando-a com a imaginação, tendo em vista que, para o autor, é no encontro da história e da cultura que as relações se estabelecem. Ao se deixar registros (rastros) inscritos como em um acervo, resgata-se “uma imagem do passado, como ela se apresenta no momento do perigo ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso” (BENJAMIM, 1986, p. 224).

Assim, as narrativas testemunhais de eventos deixam marcas irremovíveis. Somos, na verdade, para Benjamin, marcados pela época de nossa existência, não somente pelos fatos, mas também pelo contexto em que se inserem nossas tradições e nossos costumes culturais.

Observa-se, em *Este verão o emigrante là-bas*, a memória do trauma, exemplificada pela versão particular da história de guerra do ultramar vivenciada pela personagem Virgílio. É interessante sinalizar que a supressão da pontuação trata de um ato criativo e deliberado da escritora: ao captar a oralidade e a naturalidade ou emoção do outro, em seu processo de criação, Olga Gonçalves visa não só manter a veracidade do relato como a verossimilhança interna da

³ Situa-se aqui a perspectiva benjaminiana de continuidade da História e da necessidade de verificá-la sempre a partir dos derrotados, dos fracassados. Tal debate insere-se em suas *Teses sobre o conceito da história* (1940), cuja constatação do autor é a de que tanto a noção de progresso (ideia moderna), quanto a de retorno à catástrofe são permanentes e, portanto, insuportáveis. A marcha do progresso é contínua na medida em que exige uma novidade que a conserve sob os mesmos atores e forças dominantes do Estado. A interrupção da continuidade só é possível, segundo o autor, com a explosão de sua marcha em um tempo (dialético) vazio e homogêneo, caracterizado pela (des)identificação. Para maiores detalhes, ver: BENJAMIN, W. *O anjo da história*. Trad de João Barrento. 2ª ed; Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

narrativa. O tempo é suspenso, não há pausas ou mesmo indicações. A recordação ou as reminiscências dos acontecimentos ainda estão presentes, em estado de devir para a personagem. Ou seja, há um desregramento verbal, que se caracteriza pela interação textual de fragmentos discursivos sobre a guerra permeados de digressões de sua vida privada.

O discurso testemunhal apresenta-se pela tensão entre a oralidade e a escrita. E sua literalização é condição essencial para o testemunho, pois o trauma impede o contato direto com a realidade que se impõe para quem viveu a situação traumatizante. A testemunha, o sobrevivente, tem sua psiquê cindida e sua memória navega por entre os fragmentos e apresenta dificuldade de reconstruir os eventos traumáticos em cadeia de raciocínio linear, lógico e racional, daí a literatura – e o testemunho escrito – ter como elemento recorrente a narrativa fragmentária e as marcas discursivas da oralidade. Por isso, a própria personagem-narradora pronuncia-se da seguinte forma: “tão grande a vontade de comprovar. Escritora? Todo gesto é possível, a oralidade assusta-me infinitamente pesa” (GONÇALVES, 1978, P.149). Convém ressaltar, inclusive, de que maneira a pátria, retida no imaginário português vem a ser referenciada: “là-bas”. O termo aglutinado permite tecer a seguinte correlação ou conjectura: “bas” em francês significa baixo, fundo, ao largo, mas para os portugueses, em França, readquire uma outra perspectiva que revela a saudade da pátria, “a melancolia diante do espelho” (STAROBINSKI).⁴

Diante do ponto de vista narracional, cria-se uma “intimidade” com o leitor com o intuito de aproximá-lo de uma experiência pessoal, humana e de caráter universal. Mesmo metonímica, processa-se uma ação inconsciente de feição confessional, que aponta para o coletivo em crise, para uma sociedade em processo de desagregação e ruína.

A autora, em *Este verão o emigrante là-bas*, transversaliza os processos de identificação, não os submetendo às lógicas analógicas de substituição, mas sim às perspectivas de lateralizar suas personagens, ao criar imbricamentos em que os relatos são modos, costumes, apreensões de passagens da realidade, fotos instantâneas que nos fazem penetrar em pequenos microcosmos de uma possível (des) identificação portuguesa, emigrante, popularesca. Na escritura de Olga Gonçalves, não há espaço para a narrativa épica, uma vez que o *epos* traz o simbólico de grandiosidade lusitana. Em sua literatura, este deve ser desconstruído, sobretudo a visão imperial e salazarista sobre o modo de ser português.

⁴ Em *A melancolia diante do espelho (três leituras de Baudelaire)*, Jean Starobinski resalta a “dissonância entre o homem melancólico e a música do mundo” decorrente de uma reflexão amarga, inerente à condição humana e às lembranças de um passado vivido. Prefácio de Yves Bonnefoy. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Editora 34, 2014. (Coleção Fábula).

É importante notar que a presença da personagem-narradora cumpre papel de mediação e de fluxo das personagens testemunhas do momento histórico de Portugal e, configura-se, ela própria como uma testemunha do processo de emigração portuguesa no estrangeiro (França). Na obra, ela interage constantemente com o ambiente e as personagens. Além disso, sinaliza suas intenções: “entretanto, considero a arquitetura da coragem. A coragem deles, no êxodo, coletiva desgraça, famílias inteiras porfiando no risco” (GONÇALVES, 1978, p. 112). O ato de selecionar, de se posicionar em consonância com as personagens, elenca, por assim expressar, a condição de diálogo entre o elemento criativo e o corte seletivo do que vem a ser narrado: “Mas nos meus romances só haverá gente de membros desatados e de cabeça ao sol, gente à procura de exatidão e a robustez, a única profissão da carne viva” (GONÇALVES, 1978, p. 112-113).

Naturalmente, o testemunho no romance é reposicionado dentro de uma constelação de sentires que são ensejados pela narradora, a saber: a relação estabelecida entre ela e as personagens, seja durante as férias em Portugal ou então durante seu percurso na França, a sua condição de diferente, de integrante de uma classe social mais elevada em oposição à realidade de vida baixa ou mediana dos emigrantes.

Vou-me chegando. Há muitas coisas de que não sei, mas quero certa encontrar o que mexe no mundo cerrado dos que resistem. Dos que labutam. Que se defendem. E a quem chamam reles. Nenhum código pode ser indissociável do balbuciar que lhe deu luz, da primeira vibração harmoniosa ou tosca (GONÇALVES, 1978, p. 123).

Mas, sua condição de personagem-narradora é afetada pelo contato com os emigrantes, resultando no emprego de uma narrativa de efeito poético, capaz de refletir marcas de diferenças, o que se verifica na passagem abaixo:

Não vou serena. Porque não sou uma entre eles, não estamos juntos nas mesas obras, eu cresci a estudar solfejo, usei fitas de sede no cabelo, fiz um herbário e escrevi-lhe nomes em latim, seis horas, nada disto se perdeu, vou pela praça como se fora ao encontro de algum reino do sol, relampejando incomum o ocaso, o término, a alabara de um tempo.

Atropelam-se. Amontoam-se. Eles usam os cotovelos e brigam. Enquanto não esperam pela sua vez. Ei-los que desatam a língua por causa de um jornal. São os homens por causa de quem já vai mudado o curso do rio (GONÇALVES, 1978, p. 123-124)

A marca poética da personagem-narradora, que assume a dinâmica da obra, coloca a perspectiva a sua condição de ser afetada pela realidade da emigração portuguesa. Assim, ela é emocionalmente tocada pelos relatos e testemunhos das personagens.

Se, afecções traumáticas surgiram a partir das guerras coloniais e são relatadas pela personagem Virgílio, pode-se afirmar que os efeitos dos testemunhos afetam, sobremaneira, a personagem-narradora, modificando sua percepção e seu estado de emoção, durante seu percurso de investigação e coleta de depoimentos. Por outro lado, a combinação de uma leitura bakhtiniana com o referencial de testemunho conduz aos recortes da obra, uma vez que se apresentam, no arco obra, *Este verão o emigrante là-bas*, de Olga Gonçalves, a inserção de formas extraliterárias, cartas, noticiários de jornais, transcrições de radiofusões, diálogos, culminando com a citação de determinados princípios inerentes à Constituição Universal dos Direitos Humanos a serem incorporados pela Constituição Portuguesa, promulgada pós-Revolução dos Cravos.

Interessa-nos, assim, relacionar a questão do “testemunho” com a intencionalidade da narradora-personagem de “comprovação” de uma hipótese – a marginalização e o descentramento dos emigrantes – e a da articulação ética e ideológica que motiva a denúncia social e histórica, testemunhada no espaço ficcional. A inserção do princípio de igualdade, artigo décimo primeiro da Constituição Portuguesa, de 1976, escrito agora “[...] sob a cor do poema” (GONÇALVES, 1978, p. 216):

1. Todos os cidadãos
Têm
A mesma igualdade social e
São iguais perante a lei.
2. Ninguém pode ser privilegiado
Beneficiado
Prejudicado
Privado de qualquer direito ou
Isento de qualquer dever em
Razão de ascendência sexo raça
Língua território de origem
Convicções políticas
Ou ideológicas
Instrução
Situação econômica ou condição social
(GONÇALVES, 1978, 215).

A perspectiva ética, acima relatada, coaduna-se com o que Márcio Seligmann-Silva destaca como uma nova chave ética para refletirmos sobre a humanidade, e faz parte dos apontamentos finais do romance: a igualdade salientada sugere-nos a autonomia e a premissa da qual deve-se humanamente dar conta, uma vez que ninguém deve ser privilegiado ou beneficiado, nem tampouco privado ou isento perante a lei. Entretanto, como leitores, ao nos confrontarmos com relatos e testemunhos, na medida em que apreendemos a realidade da lida diária dos emigrantes portugueses, através do “testemunho” da narradora, também somos

partícipes das angústias e das vivências que tomamos conhecimento. Também nos deitamos e, ao dormir, nos deparamos com a instauração de um “cansaço mais fundo a percorrer as células” (GONÇALVES, 1978, p. 216). Na obra trata-se do mês de outono, mês do desvanecimento das folhas e da alegria do verão “(o debrum de uma alegria, que de pasmada morre)” (GONÇALVES, 1978, p. 216).

Ao se colocar sob a lente de aumento de uma análise crítica, deve-se verificar em uma obra literária quais são os recortes, as abordagens e as leituras que a mesma solicita. No caso específico de *Este verão o emigrante là-bas*, é sugestivo que tal empresa seja do escopo e da leitura testemunhal, levando em consideração uma série de fatores que foram sinalizados durante a escritura deste artigo.

Convém lembrar, enquanto é tempo, que a noção de testemunha, aqui apresentada, leva em consideração a polaridade de significação e a etimologia latina dos termos *testis e superstes*, como nos ensina Márcio Seligmann-Silva, em “Literatura, testemunho e tragédia: pensando algumas diferenças”, capítulo inserido na obra anteriormente citada - *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução* -, a saber: “A fala do sobrevivente vale como a fala de um mártir em seu duplo sentido de *testemunho ocular* e de *alguém que passou pela experiência extrema da dor*.” (2005, p. 84, grifos do autor). Em *Este verão, o emigrante là-bas*, de Olga Gonçalves, não estamos diante de sobreviventes do Holocausto (*superstes* ou “testemunhas primárias”) que, após viverem o trauma de uma experiência real, plena de extrema barbárie e estupefação, “não conseguem simbolizar a dor.” (p. 84). O romance, ao incorporar a oralidade das vozes entrecortadas dos emigrantes e dos retornados da guerra colonial, talvez permita-nos defini-los como *testis* ou “testemunhas secundárias” (“uma noção que pertence mais à tradição da história oral e não ao uso jurídico do conceito de testemunha”) (p.84), uma vez que busca reproduzir tais relatos em sua própria dimensão, propiciando ao leitor versões de determinados fatos.

Como vimos, o recurso textual de incorporação de relatos das personagens, nas entrevistas concedidas à personagem-narradora, evidenciou não só a vertente de “veracidade”, relacionada à realidade factual detectada durante a emigração portuguesa no exterior, mas também, ratificou a “verossimilhança” narrativa. Além disso, o artigo procurou situar as vozes daqueles que vivenciaram o deslocamento da pátria de origem de forma voluntária ou involuntária e o inerente processo de retorno. A capacidade imaginativa e criativa da obra sugere também a possibilidade narracional conceituada por Walter Benjamin: o olhar se direciona para aqueles que escrevem a “contrapelo” a história. Os socialmente marginalizados

têm suas dicções amplificadas e corroboram a observação lançada por Mário Cláudio, publicada em seu artigo no *Diário de Notícias*, argumentada no presente trabalho.

Por fim, há que se ressaltar uma nova proposta ética presente na literatura testemunhal. A leitura de obras testemunhais desperta um senso de compaixão, algo como um efeito catártico capaz de nos humanizar diante das atrocidades cometidas ao longo de nossa história. A partir de uma palavra, uma voz, um relato, uma imagem, que denuncia tais eventos atroz, é possível uma reconexão com a compaixão a fim de não mais esquecer o que aconteceu no passado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Benardini, José Pereira Junior, Augusto Goés Junior, Helena Spryndis Nazário, Homero de Freitas Andrade. São Paulo: Hucitec, 1988.

BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão única – Obras escolhidas Vol 2*. Trad. Do alemão: Rubens Rodrigues Torres Filho, José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. *Magia e técnica, arte e política – Ensaios sobre literatura e história da Cultura. Obras escolhidas Vol 1*. São Paulo: Brasiliense, s.d

_____. *O anjo da história*. Trad. de João Barrento. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

CLAUDIO, Mário. *Uma romancista na revolução*. Disponível em <https://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/mario-claudio/interior/uma-romancista-na-revolucao-4849945.html>. Acessado em 16 de abril de 2019.

GONÇALVES, Olga. *A Floresta em Bremerhaven*. 2ª ed. Lisboa: Livraria Bertrand, 1980.

_____. *Este verão o emigrante là-bas*. Lisboa: Moraes Editores, 1978.

_____. *Ora Esguardae*. Lisboa: editorial caminho, 1990.

_____. *Rudolfo* Lisboa: Edições rolim, 1985.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005.

_____. *O testemunho: entre a ficção e o real*. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.) *História, Memória e Literatura*. O testemunho na era das catástrofes. Campinas; Editora Unicamp, 2003.

STAROBINSKY, Jean. *A melancolia diante do espelho: três leituras de Baudelaire*. Prefácio de Yves Bonnefoy. Trad. de Samuel Titan Jr. São Paulo: Editora 34, 2014. (Coleção Fábula).

Recebido em: 07/09/2021

Aprovado em: 19/01/2022

Publicado em: 29/04/2022